



CULTURA PROFISSIONAL

A DIREÇÃO DA GUERRA MODERNA

General GUDERIAN, de "Le Monde"

Tradução do Ten.-Cel. SOTTO MONTES, em
"Ejército", da Espanha

Tradução e adaptação dos Ten.-Cel. CESAR
GOMES DAS NEVES e Maj. HERACLIDES
DE ARAUJO NELSON

AS OPERAÇÕES TERRESTRES



Pouco antes do início da última guerra mundial, a maior parte dos Estados-Maiores mostrava-se descrente sobre as possibilidades de êxito que se podia obter mediante o emprego dos blindados em massa; as sólidas fortificações concebidas pelos partidários da guerra estabilizada, as barragens móveis de artilharia e os princípios ortodoxos não puderam, sem dúvida, impedir a ação decisiva dos blindados. Uma nova concepção havia surgido na Estratégia, e tal chama não está próxima, certamente, a extinguir-se, apesar de que alguns ainda consideram a Linha Maginot susceptível de utilização. Havemos de reconhecer a pobreza de tal concepção, como de outras concepções táticas.

A defesa das "linhas de deter" Pirineos, Reno e Elba tem sido objeto de discussões apaixonadas; constantemente vem constituindo motivo de cogitação o de criação de redutos, capazes de apoiar as Forças Armadas no dia em que o adversário leve a efeito seu grande ataque. Pensa-se mais nas fortificações. Ao que parece, existe uma idéia bastante vaga sobre o fato de que sua construção exige tempo e dinheiro, e que, tantos os entrenchementos como as fortificações serão inúteis se não estiverem solidamente defendidas por efetivos numerosos que disponham de importantes reservas de material.

Perguntamos então: Não teriam feito melhor os franceses — antes de 1940 — empregando na criação de unidades móveis os recursos utilizados na construção de suas linhas fortificadas?... E quanto a

Hitler: Não teria agido com mais acerto, construindo mais carros e aviões do que procurando erigir a "Muralha do Atlântico"?... Pode-se julgar a fortificação como um meio eficiente contra os bombardeios sobre os objetivos da Europa ocidental, na época dos projetos dirigidos e da agressão inter-continental?... O que deverá ser fortificado no caso de uma guerra terrestre?... Segundo nossa opinião, atualmente, os objetivos a defender são diversos dos de antigamente. Surge, em primeiro lugar, a zona de concentração de reservas; depois, as indústrias mais importantes, e, por último, as bases aéreas.

A proteção deverá ser prevista não só contra ataques terrestres, mas também contra a ameaça aérea, uma vez que os ataques vindo do ar serão mais eficazes e súbitos.

A PROTEÇÃO DA POPULAÇÃO CIVIL

Sem dúvida, o verdadeiro objetivo deverá ser a população civil; tal é a diferença essencial entre um futuro conflito e os precedentes. Diante de tal idéia, torna-se necessário utilizar todos os recursos que a fortificação oferece para assegurar a proteção dos trabalhadores, das cidades, das fábricas ou, de um modo geral, de toda a população.

Tanto os neutros como os beligerantes deverão assegurar às suas cidades a devida proteção contra qualquer ameaça aérea; daí a necessidade da passagem dos planos militares aos humanos, o que deverá ser feito, também, com os territórios alemães.

Sobre tal particularidade, a legislação alemã tem a palavra; basta ver o que tem feito em outros países, por exemplo, na Suíça. Relativamente a este aspecto da questão, a atitude do Governo de Bonn é curiosa, pois suas ordens e leis vigentes se opõem e atualmente, além da construção dos "abrigos" estar proibida, existe a obrigação de destruir os existentes. Julgamos, ao contrário, importantíssimo que todas as novas constru-

ções como casas, fábricas, estação ferroviária ou qualquer outro edifício possuam seus abrigos adequados. Também as novas indústrias de importância vital deverão ser descentralizadas e de construções subterrâneas.

Por sabermos que as futuras guerras terão início sem declaração prévia, é que aconselhamos a necessidade da adoção de medidas de precaução adequadas.

A GUERRA AÉREA

Em primeiro lugar, a ação no ar terá em vista o apoio às tropas terrestres, isto é, a Aviação tática, constituída de aviões de reconhecimento, de assalto e caça, atuará em benefício da ação de ataque.

Atualmente, nenhum exército poderá combater com êxito pelo menos igual a do futuro adversário.

Tanto um Exército como uma Esquadra, que pretendam fazer frente a um assalto inimigo, precisarão dispor de Aviação tática; no que diz respeito à Esquadra — uma parte de seus efetivos deverá estar embarcada em porta-aviões —, seu emprêgo não se deverá restringir somente a ataques sobre objetivos navais.

Dado que as grandes potências, para seus ataques sobre objetivos distantes, dispõem de uma aviação estratégica, é preciso procurarmos conhecer a eficiência atual dos bombardeiros de grande raio de ação e de vôos noturnos. Sobre tal particularidade, a última guerra muito nos ensinou; os bombardeiros inimigos, não satisfeitos de destruir nosso sistema de transportes e nossas indústrias de armamento, atacaram os monumentos, os bairros residenciais, etc.

Há alguns meses, o General da Aviação norte-americana Vandenberg declarou: O objetivo inicial do Pacto do Atlântico consiste em forçar o adversário a empregar suas armas e materiais sobre o campo de batalha terrestre; enquanto isto, a Aviação estratégica pulverizará mediante bombardeios atômicos seus centros de produção e de abastecimentos. A função essencial do Exército de terra consistirá, pois,

na intensificação de tal medida, de sorte que os bombardeios possam cortar as comunicações da retaguarda inimiga, ainda que o adversário, em seu avanço, possa apoderar-se de centros de produção — o Ruhr, por exemplo — que lhe proporcionaria uma relativa independência com respeito a suas bases iniciais de abastecimentos”.

Segundo os meios competentes de Washington com algumas Divisões enviadas à Europa, torna-se pouco provável alcançar tais resultados (*Neue Zürcher Zeitung*).

O General Vandenberg, ao que parece, tem procurado abster-se de indicar onde deverão ser lançadas as bombas atômicas destinadas a conter o assalto. Em todo caso, somos contrários sobre seu emprêgo em território alemão. Se as potências ocidentais aplicarem semelhante estratégia, perderão a boa vontade da Alemanha e dos alemães; é preferível não comentar tal fato a fim de evitar mal entendidos.

PERIGOS DA RECONQUISTA

O General Vandenberg preconiza: “Forçar o adversário a empregar seus armamentos e matérias sobre o campo de batalha terrestre”. Admitamos que o inimigo evite este emprêgo. O Que aconteceria?...

As guerras “relâmpago” têm demonstrado que, com o atual progresso técnico, as guerras de desgaste já passaram da época; hoje em dia, com um adequado emprêgo da motorização, é possível por termo às campanhas intermináveis. Devemos considerar como provável no futuro que, ao menos no início, a guerra não será de desgaste, pois, desde o começo, o adversário avançará sobre os objetivos da Europa, previamente selecionados. É certo que, levando em conta o estado atual dos meios defensivos, não alcançará tais objetivos sem ter que vencer uma resistência bem acentuada.

Uma vez de posse de tais objetivos, o invasor organizaria a defesa do território conquistado, a fim de tornar sua reconquista, se não

impossível, pelos menos catastrófica para a população civil, a julgar pelos métodos empregados pela aviação de bombardeio durante a 2ª Guerra Mundial e o atual conflito coreano; assim, pois, é lógico imaginar que, mais do que as tropas adversárias, seria a população civil quem sofreria os efeitos dos bombardeios aéreos.

Por outro lado, quanto mais indispensável e estreita fôr a cooperação tática entre a aviação e as tropas terrestres, mais digna de reflexão será — segundo podemos comprovar experimentalmente — a guerra aérea.

Os objetivos destinados aos bombardeios de grande raio de ação serão escolhidos em função exclusiva das exigências militares e sempre tendo presente as considerações humanas, esquecidas há meio século. Pois bem, os objetivos citados são, por outro lado, difíceis de determinar, dado que os efeitos dos novos meios de destruição — bomba atômica e bomba H — são espantosos e causam estragos difíceis de prever.

É certo que a ciência encontrará, em futuro próximo, os elementos adequados para proteger-se deles; mas, ainda se pode duvidar que o conhecimento destes meios defensivos chegue em tempo suficiente e antes de que as potências mundiais se decidam a empregar as novas armas de destruição que possuem. O que podemos assegurar, em vista dos estragos e da radioatividade conhecidos da bomba atômica, é que esta não poderá ser lançada nas proximidades das tropas combatentes nem nos arredores dos objetivos a alcançar por tais tropas.

Ao contrário, a retaguarda do adversário ou os países ocupados por suas tropas constituem os terrenos ideais para serem utilizados. A bomba atômica poderá servir para isolar aquelas zonas em que se deseja impedir, temporariamente, o acesso do adversário. Os seus efeitos serão tanto mais catastróficos quanto mais densamente populosa fôr a região em que forem lançadas. É preciso lembrar que, no futuro,

nenhuma potência poderá se encontrar ao abrigo de uma guerra aérea ou de suas conseqüências; os Estados Unidos e a Inglaterra estão incluídos neste perigo.

Conseqüentemente, pode pensar-se que, em uma futura guerra, toda a Terra será zona de combate e que, diante de tais dimensões, o conflito ultrapassará, sob todos os aspectos, a seus precedentes. Será, pois, "guerra mundial total", e as anteriores não terão sido mais do que o preâmbulo da que virá. O mundo inteiro servirá de campo de batalha, em terra, no mar e no ar.

GUERRILHEIROS E PROPAGANDA

Na retaguarda das tropas combatentes, na proximidade das bases aéreas e navais, nos "nós de comunicações" e nos centros industriais

do adversário, os espíões, sabotadores, guerrilheiros e quinta-colunas não darão descanso.

Por intermédio do rádio, ambos os adversários estabelecerão um torneio de eloqüências; por outro lado, este tipo de "guerra fria" já começou, sendo possível comprovar, atualmente, que a deslealdade atingiu o seu ponto culminante.

Quantas vezes os governantes não têm sido censurados pelo não cumprimento do dever cívico?... Basta ler a imprensa e escutar o rádio para ficarmos convencidos de que os intérpretes da "opinião pública" ignoram as mais elementares regras da decência e honradez. Vamos com que passividade o mundo assiste a todo este descalabro, pondo em perigo a causa da paz. As opiniões pessoais são raras, e poucos são aqueles que cultivam o hábito da reflexão.

